

DA ORALIDADE À LEGENDA: REFLEXÃO EM TORNO DE UM TRABALHO DE LEGENDAGEM

Adriana Carina Camacho Álvarez

Introdução

Como é sabido, as línguas em geral apresentam variedades diafásicas. Conforme Antonio Briz Gómez (2009), os registros são “modalidades de uso [da língua] determinadas pelo contexto comunicativo” (p. 25, tradução nossa). Em consonância com isso, o mesmo autor, Ana Maria Vigara Tauste e outros autores apontam que o espanhol coloquial apresenta características que o diferenciam de outras formas de uso da língua.

Em seu estudo sobre o espanhol falado, Vigara Tauste ressalta os traços de afetividade e expressividade que comporta o uso coloquial da língua:

La comunicación habitual tiene siempre un fin práctico y concreto, no se trata nunca de consideraciones puramente intelectuales. Y, puesto que la comunicación está orientada a un fin subjetivo, es siempre «afectiva» en mayor o menor medida; es ante todo expresión, proyección del sujeto hablante, síntoma del que habla. (Vigara Tauste, 1980, p. 25)

Por outro lado, é importante distinguir entre linguagem oral e registro coloquial, pois, embora este último seja mais frequentemente utilizado na oralidade, como mostra Briz Gómez (2009, p. 27 e ss.), também é possível encontrar traços coloquiais em comunicações escritas, como no caso da carta familiar e outros.

Vigara Tauste escolhe, para nortear seu estudo, a definição de espanhol coloquial cunhada por E. Lorenzo, a saber:

El español coloquial es el conjunto de usos lingüísticos registrables entre dos o más hispanohablantes, conscientes de la competencia de su interlocutor o interlocutores, en una situación normal de la vida cotidiana, con utilización de los recursos paralingüísticos y extralingüísticos aceptados y entendidos, pero no necesariamente compartidos por la comunidad en que se producen. (Lorenzo apud Vigara Tauste, 1980, p. 13)

A autora (1980, p. 17) assinala que a expressividade é a mais importante característica da linguagem coloquial, afetando o léxico, as variantes morfológicas e a estrutura da sintaxe. Já para Briz Gómez (2009, p. 11), a expressividade ou a afetividade (fatores psicológicos) não podem ser consideradas critérios objetivos de descrição do espanhol coloquial. Ele propõe, então, localizar seu objeto de estudo dentro do que chama uma “gramática do enunciado ou da enunciação”, estabelecendo categorias pragmáticas e de funções ou estratégias comunicativas próprias do espanhol coloquial.

Ambos os autores concordam que não se deve confundir linguagem coloquial com linguagem vulgar ou popular, pois esta última estaria caracterizada “pelo uso incorreto, anômalo ou à margem da *norma padrão* e das *normas regionais*, produto do descuido ou da ignorância” (Briz Gómez, 2009, p. 37, grifos do autor, tradução nossa).

E cada um deles, nos seus respectivos estudos, apresenta uma série de procedimentos frequentemente utilizados pelos falantes ao conversarem, sendo a conversação — como assinala Briz Gómez (2009, p. 32, grifos do autor) — “o protótipo discursivo *do oral (coloquial)*”, regulada pelos princípios de cooperação, cortesia, pertinência e argumentação.

Vigara Tauste mostra diferentes fenômenos sintáticos, morfológicos e léxicos recorrentes na linguagem coloquial e dá especial atenção, no seu estudo, ao que ela denomina “expressões de recheio” (isto é, expressões que são utilizadas o tempo inteiro pelo falante, em boa medida de forma inconsciente, com diferentes propósitos, mas que não acrescentam nenhum significado à mensagem comunicada) e aos recursos a serviço da expressão da intensificação da qualidade.

Já Briz Gómez se deterá no estudo de estratégias sintáticas (por exemplo, o rodeio explicativo ou a redundância), contextuais (como a elipse e a dêixis), fônicas (ligadas a fenômenos de entoação, pronúncia ou supressão de sons) e léxico-semânticas (por ex., a utilização de gírias). O autor também fará referência a relações temporais e modais que se estabelecem no uso coloquial da língua.

Tamanha quantidade de procedimentos — espécies de transgressão em relação a uma língua padrão “pura” e, por isso mesmo, inexistente — sugere a grande riqueza expressiva do uso coloquial da língua. Com exceção das estratégias fônicas, das quais não nos ocuparemos neste artigo, por não apresentarem dificuldades específicas de tradução (já que elas não são anotadas, a não ser em trabalhos que tenham esse interesse específico), no trabalho de legendagem que escolhemos para analisar aparecem muitos desses recursos utilizados pelos falantes nas suas conversas habituais e informais, já

que, em função das situações vivenciadas por eles, eles se comunicam quase exclusivamente no coloquial.

Ainda que não ignoremos a brecha existente entre uma conversação travada entre falantes na vida real e cotidiana e os diálogos produzidos a partir de um roteiro (com um grau de improviso evidente, mas que não temos condições de determinar)¹, consideramos que, no filme escolhido para o nosso trabalho, a naturalidade dos diálogos, pela qual o diretor certamente tenta reproduzir a espontaneidade da fala coloquial e familiar, está construída de uma forma tão atrelada à linguagem oral que o seu estudo nos permitirá analisar fenômenos de tradução interessantes não apenas para o tradutor de legendas, como também para o tradutor literário, na medida em que este poderá encontrar em textos literários desafios semelhantes para a tradução.

No meio caminho entre a tradução e a interpretação (pois, como bem assinala Xosé Castro Roig, 2001, no trabalho de legendagem é traduzido o que é falado no filme ou programa), a legendagem é um tipo de prática tradutória particular, porque é regulada por normas específicas e, por isso, o seu produto, a legenda, também apresenta características especiais. Em primeiro lugar, a legenda, ao ser incorporada ao filme (queima) fica inserida em um contexto no qual ela interage diretamente com o som e a imagem. Estes dois elementos atuam muitas vezes como complementos de significação, e a legenda não é, frequentemente, o agente mais importante nesse processo comunicativo.

Há dois princípios que regem o trabalho de legendagem: a simplificação e a síntese. Em função da limitação de espaço (certo número de caracteres por linha e não mais de duas linhas por legenda) e da sincronicidade com a imagem (a legenda deve acompanhar as mudanças de plano), com o tempo mínimo de leitura (estimado em 15 caracteres por segundo), o texto da legenda deve ser simplificado, a fim de facilitar a leitura rápida do espectador, e sintético, para que nenhuma informação relevante seja perdida a despeito da curta extensão da legenda.

As simplificações mais comuns são construídas mediante o uso da ordem direta do discurso, de orações coordenadas (e não subordinadas), de construções ativas e

¹ Vigara Tauste (1980, p. 31, grifos da autora) alude especificamente a essa diferença nos seguintes termos: “Otros medios de comunicación oral no son más idóneos [do que os textos literários de pretensões coloquiais] ni más ventajosos para nuestro propósito [estudar a linguagem coloquial]. “Lo que realmente nos dan estos medios (cine, televisión, radio) no es *lengua hablada*, sino versión oral de la lengua escrita; lectura o recitación aprendida de memoria, de textos escritos” (Seco). Ciertas improvisaciones parecen la excepción; y lo “parecen” porque no podemos tener garantía de ellas y es difícil suponerlas totalmente tales.”

positivas, de tempos verbais simples, de interrogações, do modo imperativo, de abreviações e algarismos. Em função da necessidade de economia de espaço, também é recomendado omitir da legenda os vocativos, os pronomes demonstrativos, interjeições, hesitações, cacoetes, gaguejos, falas em segundo plano, onomatopeias, construções redundantes e, eventualmente, signos de exclamação. Da mesma forma, sugere-se que não sejam traduzidas expressões sucintas que possam ser compreendidas sem a legenda. Como explica Xosé Castro Roig (2004), neste último caso, considera-se que o espectador tem informação visual suficiente para compensar a carência de significado deixada pela ausência de legenda. Esse autor também indica a escolha de vocábulos mais breves (entre vários sinônimos) na hora de traduzir. De mesma forma, deverão ser priorizados os vocábulos de uso mais universal dentro da comunidade falante sempre que possível.

Também devemos atentar, no caso das legendas, para o problema das referências culturais ou geográficas locais. Como não temos espaço para fazer grandes esclarecimentos, devemos ser especialmente criativos na busca de soluções sucintas e claras.

Por último, nas legendas devem ser observadas normas especiais de formato (uso de maiúsculas, itálicos, supressão de espaços, etc.) sobre as quais não nos deteremos aqui por fugirem ao escopo de nosso trabalho.

Na próxima seção do presente artigo, para melhor visualização da tradução realizada, cada exemplo analisado será brevemente contextualizado, apresentado na forma de tabela e comentado logo a seguir.

Que tan lejos: reflexão em torno de um trabalho de legendagem

Nossa análise se baseará em um trabalho realizado para a televisão.² As legendas deviam ter, no máximo, 32 caracteres por linha, sendo permitido chegar aos 36 caracteres em casos de muita necessidade. A única restrição lexical imposta pelo cliente foi a relativa à palavra “puta”.

O filme escolhido para a análise apresenta uma narrativa simples. Esperanza, espanhola residente em Barcelona, vai conhecer o Equador como turista. Teresa, a outra protagonista do filme, equatoriana, resolve viajar para a cidade de Cuenca a fim de evitar o casamento do rapaz por quem está apaixonada. Elas se conhecem no ônibus

² O trabalho analisado neste artigo foi feito pela Bravo Produções Ltda. (Rio de Janeiro).

para Cuenca e, a partir desse encontro, empreendem uma aventura até chegarem ao seu destino, visto que a estrada está fechada em função de uma greve. No caminho, encontrarão outras personagens, como dois jornalistas, o caminhante Jesús e o cuencano Andrés, que as acompanharão em diferentes momentos da viagem.

A seguir, serão apresentados exemplos a fim de analisar o processo de tradução envolvido na passagem do diálogo para a legenda. Em cada caso, irão sendo comentadas apenas as escolhas de tradução que não apareceram nos exemplos anteriores a fim de evitar repetições enfadonhas.

<u>TAXISTA</u> Qué ocurridos que son, ¿no?	Como eles são originais.
---	--------------------------

Já no início do filme, na troca de palavras entre o taxista que leva Esperanza até a sua hospedagem, encontramos um caso de variação diatópica. *Ocurrido* é uma variação para *ocurrente*, que, conforme a definição do dicionário VOX, quer dizer “[Pessoa] que tem ideias engraçadas e engenhosas” (tradução nossa). Além disso, neste caso, a intervenção do taxista é apoiada claramente pela imagem, pois ele está fazendo referência ao cartaz onde está escrito o nome da pensão (*Gringa loca*), ficando muito claro para o espectador a quem ele se refere com “originais” (no caso da tradução escolhida). Mesmo nessa intervenção curta, há uma perda na tradução, pois não é aconselhável verter a pergunta retórica *¿no?* a fim de evitar um uso maior do espaço da tela de forma desnecessária, já que a entonação em espanhol do falante é suficiente para que o espectador possa inferir a questão. A interrogação retórica é, segundo Vigara Tauste (1980, p. 53), uma típica expressão de recheio utilizada para manter a atenção do interlocutor.

<u>TAXISTA</u> Chuta, señorita ¿no tiene los cinco? Es que no tengo sueltos oiga , pero no creo que importe los cinco dolaritos , ¿no? [...]	Nossa , não tem cinco? Não tenho trocado. Mas não acho que se importe com os 5 dolarzinhos . [...]
<u>ESPERANZA</u>	-Certo... Que roubo!

<p>Bueno... ¡Vaya robo, tío!</p> <p><u>TAXISTA</u></p> <p>¿Cómo dice?... ¿Robo?... Robo es lo que le pagan allá a mi hermano por recoger brócoli todo el año... Bien decía mi tío que hay que tener cuidado con ustedes los españoles, ya se llevaron pues todo el tesoro de los Incas y ahora vienen hechos los “muy muy”. Ahí nos vemos.</p>	<p>-O que você disse? Roubo?³</p> <p>Roubo é o que ganha meu irmão lá por colher brócolis o ano inteiro.</p> <p>Meu tio tinha razão.</p> <p>É preciso ter cuidado com vocês, espanhóis.</p> <p>Levaram todo o tesouro dos Incas,</p> <p>e agora vêm aí se achando.</p> <p>Até mais ver.</p>
--	--

Nesse caso, a intervenção do taxista começa com uma interjeição típica do Equador (*chuta*) e um vocativo (*señorita*). Para não perder toda a expressividade da sua fala, optamos por deixar a interjeição, traduzindo-a por “nossa”, muito comum no Brasil, e não traduzir o vocativo, porque resulta evidente, para o espectador, que o taxista está falando com a moça. Assim, reduzimos o espaço da legenda. Na explicação do taxista, encontramos outra expressão de recheio típica, desta vez construída com um imperativo sensorial (*oiga*)⁴, com o objetivo de captar a atenção do interlocutor. Essa expressão também não deve ser traduzida, porque não acrescenta significação à mensagem e, portanto, não é necessária na legenda.

Já no caso de *dolarcitos*, apesar de desnecessário do ponto de vista do significado, resolvemos manter na tradução o diminutivo (mais longo) para não perder totalmente o efeito expressivo de persuasão visado pelo taxista. Entendemos que, em casos como esses, é possível realizar algumas compensações que permitam ao espectador que não conhece o castelhano entender melhor a situação comunicativa (carregada sempre de uma intencionalidade particular) da cena à que está assistindo.

A expressão utilizada por Esperanza – *Vaya robo, tío* – é, conforme Vigara Tauste (1980, pp. 88 e ss.), uma construção pleonástica introduzida por uma fórmula estereotipada. Neste caso, porém, a repetição que se vê na expressão completa (*¡Qué robo! ¡Vaya robo, tío!*) é omitida, ficando apenas a fórmula estereotipada (*Vaya*). Tanto essa fórmula (expressão de recheio) quanto o vocativo *tío* foram omitidos da tradução,

³ Nas legendas, para indicar diálogo, prefere-se o uso do hífen em vez do travessão por questões de espaço: o hífen ocupará menos lugar na tela da TV ou do cinema do que o travessão.

⁴ Sobre o assunto, ver Vigara Tauste, 1980, p. 61.

mas, para não ser perdida totalmente a indignação da personagem na legenda, foi conservado o signo de exclamação e a hesitação inicial (traduzida por “certo”), que, normalmente, também não são incluídas na legenda.

Bien decía mi tío também é uma expressão de recheio, recurso de intensificação do que está sendo exprimido. Além disso, é um reforço, pois alude à opinião de uma terceira pessoa apresentada como uma autoridade no assunto tratado. É o que Briz Gómez (2009, p. 70) chama de “rodeio explicativo” (estratégia sintática). Para a tradução basta uma frase direta e sem rodeios.

Nesse caso, é importante traduzir o vocativo (“espanhóis”), porque a fala do taxista é uma reclamação dirigida particularmente a esse povo. Depois, ele diz: “ya se llevaron **pues** todo el tesoro de los Incas y ahora vienen hechos los **muy muy**” (grifos nossos). O caso de *pues* também representa um caso típico de expressão de recheio, um cacote. Portanto, ele pode não ser traduzido.

Já *muy muy* é uma expressão de gíria, uma estratégia expressiva léxico-sintática do falante, no dizer de Briz Gómez. Consideramos que ela é equivalente à expressão de gíria brasileira “se achar”. Neste caso, como em outros, é importante manter o tom coloquial e, especificamente, a gíria, para que o espectador possa captar o tom da conversa travada entre as personagens.

Ahí nos vemos também é uma expressão coloquial com sentido irônico. Por isso, a escolha de “até mais ver” como tradução.

<p><u>TERESA</u></p> <p>Daniel: si ya no quieres llamar ni escribir al menos hazme saber por qué.</p> <p>No entiendo estos silencios tan largos, y si los entiendo creo que prefiero no entender.</p> <p>¿Te estás barajando?</p> <p>Ya sabes que yo no soy de las que se va a cortar las venas porque vos te barajas, pero detesto esta formita tan cuencana de evadir las cosas.</p>	<p>Daniel, se não quiser ligar ou escrever,</p> <p>deixe eu saber por quê.</p> <p>Não entendo esses silêncios tão longos.</p> <p>E nem quero entendê-los.</p> <p>Está abrindo?</p> <p>Você sabe que não sou dessas que vão cortar os pulsos por causa disso.</p> <p>Mas odeio esse jeitinho tão cuencano de evadir as coisas.</p>
--	--

<p>Asume, man, enfrenta las vainas, prefiero que me digas: no quiero verte más, no me jodas, no me escribas, se acabó, y no que huyas como una rata de alcantarilla.</p>	<p>Assuma, cara. Encare os problemas.</p> <p>Prefiro que diga: “Não quero vê-la mais, não encha, não me escreva, acabou.”</p> <p>E não que fuja como um rato de sarjeta.</p>
--	---

Nessa nova cena, Teresa está escrevendo um e-mail para um garoto que conheceu nas suas últimas férias e por quem se apaixonara. É interessante aqui manter na tradução o tom coloquial incluindo gírias, porque esta é a terceira tentativa de e-mail que ela escreve, sendo que as duas anteriores tinham sido mais formais ou mais diplomáticas. Daí, as expressões coloquiais escolhidas para a tradução.

Cabe aqui anotar que *barajarse* e *vaina* são expressões coloquiais do Equador, sendo que, no dicionário VOX (tradução nossa), esses termos são definidos como “Retirar-se de um lugar ou de um projeto” e “Situação ou assunto confuso, desordenado, problemático ou difícil de resolver”, respectivamente. A tradução escolhida para o primeiro termo aparece no *Dicionário de gíria* de Serra e Gurgel. O verbete correspondente define “abrir” como “Sair da frente, ir embora”, e o exemplo dado pelos autores é “Vou abrir, num guento.”

Por outro lado, o vocativo “cara” foi preservado (e traduzido) na legenda pelo mesmo motivo que as gírias mencionadas acima: ele indica claramente que Teresa está se dirigindo ao moço em tons menos amigáveis do que nos e-mails esboçados anteriormente.

<p><u>TERESA</u></p> <p>¿Aló? ¿Daniel? Qué fue. Conmigo. Yo pues. Sí, qué fue.</p> <p>Sí, de Ley, ya acabé hoy...entonces quería ver si te caigo en Cuenca. ¿Cómo?</p>	<p>Alô, Daniel? E aí? Comigo...</p> <p>Sou eu. O que houve?</p> <p>É, de Lei. Acabei hoje. Quería visitá-lo em Cuenca.</p> <p>Como assim? Por que não disse antes?</p>
--	--

<p>¿Y por qué no me dijiste antes? ¡Qué huevon que eres Daniel!</p> <p>¿Cómo?! No, cómo vas a hacer eso... No, man, ni cagando, no puedes hacer eso.</p> <p>Ve, yo mañana voy a Cuenca y conversamos. ¡Aguanta, oye! Yo sé que debe ser tenaz para la man pero...</p> <p>¿Cómo que pasado mañana Daniel?! No, aguanta ¡no seas bestia!</p> <p>Yo mañana voy a Cuenca, conversamos y te ayudo a resolver esto.</p> <p>¿Cómo que no vaya? Claro que voy a ir, por supuesto que voy... yo necesito verte y hablar con vos, si vos no quieres es problema tuyo pero yo voy!</p> <p>¡Mierda!</p>	<p>Como você é babaca.</p> <p>Como assim? Não, não pode fazer isso.</p> <p>Mas nem de brincadeira. Não pode fazer isso.</p> <p>Amanhã vou a Cuenca e falamos.</p> <p>Segure aí.</p> <p>Sei que deve ser barra pesada para ela, mas...</p> <p>Como assim, depois de amanhã?</p> <p>Não seja burro!</p> <p>Amanhã eu vou a Cuenca, conversamos, e o ajudo a resolver a questão.</p> <p>Como assim, que eu não vá? Como assim?</p> <p>Claro que eu vou!</p> <p>Eu preciso vê-lo e falar com você.</p> <p>Se você não quiser, o problema é seu.</p> <p>Mas eu vou! Porra!</p>
--	---

Nesta nova cena do filme, Teresa está falando ao telefone com Daniel, o moço ao qual acabara de escrever um e-mail. Quanto a este trecho da tradução, primeiro consideramos oportuno assinalar que *qué fue* é uma forma de cumprimento informal, que resolvemos traduzir por “e aí” e “o que houve” na primeira ocorrência e na segunda, respectivamente, pois a expressão em espanhol contempla ambos os significados.

Traduzimos [...] *quería ver si te caigo en Cuenca* por “Queria visitá-lo em Cuenca” por acharmos que, neste caso, uma sentença objetiva e direta seria a melhor solução para o espectador entender sem delongas a intenção da personagem.

Huevón é um qualificativo pejorativo muito usado em toda a América andina. Segundo o dicionário *VOX* (tradução nossa), significa “[Pessoa] Que é pouco inteligente ou se comporta de forma ridícula”. Um sinônimo sugerido pelo dicionário para *huevón* é “estúpido”. Daí, nossa escolha do termo “babaca” para a tradução, pois, neste caso, não há necessidade de alterar o registro utilizado pela personagem (coloquial familiar) e nem a estratégia lexical utilizada por ela (gíria).

Na intervenção seguinte, tanto o vocativo *man* (que poderia ser traduzido por “cara”, sendo usado, como este último termo em português, para homens e para mulheres) quanto a expressão chula de intensificação *ni cagando* foram omitidos da tradução por desnecessários: o telespectador pode inferir a indignação da personagem pelo tom que ela usa ao falar, bem como pelos seus gestos.

No caso do verbo *aguantar*, ele foi traduzido na primeira ocorrência (*¡Aguanta, oye!*) e não na segunda (*No, aguanta, no seas bestia*). Assim, foi omitida uma repetição, mantendo-se o tom coloquial familiar da conversa telefônica.

Tenaz também é uma expressão de gíria que aparece durante todo o filme. No dicionário *VOX* não aparece uma definição figurativa do termo, mas é perfeitamente possível deduzir do uso dado à expressão pelas personagens que aqui se trata de uma extensão direta do significado material de “opor muita resistência a se quebrar ou deformar” (tradução nossa)⁵ para o âmbito das situações ou experiências de vida. As nossas escolhas tradutórias para esse termo foram, conforme os contextos mais ou menos familiares de fala, “barra pesada” ou “duro”.

Da intervenção seguinte, foi omitida da tradução a repetição contida em *Claro que voy a ir, por supuesto que voy...* E, por último, para manter o paroxismo da indignação da personagem, mantivemos os signos de exclamação no encerramento da ligação.

<p><u>TERESA</u> A ver...de menta dame.</p>	<p>Quero um de hortelã.</p>
<p><u>GRANDE</u> Menta... Chuta no, preste, preste... ¡Piojo!</p>	<p>Hortelã... Poxa, não! Dê aqui.</p>

⁵ No dicionário *Houaiss* constam as seguintes acepções do termo “tenaz”: “1 que apresenta resistência, coesão (diz-se de substância); 2 que suporta grande pressão sem partir-se (diz-se de metal ou liga); 3 que adere fortemente a uma superfície; 4 que prende e agarra com firmeza”.

<p>[...]</p> <p><u>GRANDE</u> Buenazo... ¿Y a qué hora sale su bus?</p> <p><u>TERESA</u> A las siete.</p> <p><u>GRANDE</u> Chuta... ¿y si el Piojo no regresa? Ahí síii... me toca darle diez dólares de chicles... ¿Y a dónde se va?</p> <p>[...]</p> <p><u>TERESA</u> ¿Y el Piojo?</p> <p><u>GRANDE</u> Ese guambra tiene orden de no volver.</p> <p><u>TERESA</u> Bueno, chao demonio.</p> <p><u>GRANDE</u> ¡Cuidarás de los cuencanos!</p>	<p>Piolho!</p> <p>[...]</p> <p>-A que horas sai seu ônibus? -Às sete.</p> <p>E se o Piolho não voltar? Vou ter que dar-lhe US\$10 de chicletes. Para onde está indo?</p> <p>[...]</p> <p>-E o Piolho? -Ele tem ordens de não voltar.</p> <p>Tchau, demônio.</p> <p>Cuidado com os cuencanos.</p>
---	---

Aqui é encenado um diálogo entre Teresa e uma menina vendedora de chicletes na rodoviária. Neste fragmento, é oportuno apontar algumas escolhas de tradução. Em primeiro lugar, na primeira frase traduzida, é omitida a hesitação de Teresa marcada pela expressão *a ver...* para traduzir diretamente o pedido da personagem. É traduzida a interjeição *chuta*, porque, como será visto a seguir, a menina, na verdade, encena uma estratégia de vendas junto com seu colega Piojo (um menino ainda mais novo que ela). O apelido *Piojo* foi traduzido, porque, ao aludir a um bicho como o piolho, serve para refletir a condição de abandono e exclusão à que é submetida a criança em questão.

Acreditamos que esse seja um recurso utilizado pelo cineasta propositalmente, então, não traduzir o apelido poderia resultar em uma perda para o espectador que não conhece a língua castelhana.

Posteriormente, o diálogo entre Teresa e Grande (menina mais velha) é traduzido de forma direta, sendo omitidas todas as expressões de recheio que aparecem nele.

O número *diez* e o substantivo *dólares* são substituídos pelo algarismo e pelo signo, respectivamente, a fim de utilizar menos caracteres.

Por último, a menina usa um coloquialismo equatoriano, *guambra*, que significa, conforme o dicionário *VOX*, “pessoa que está no período da infância” (tradução nossa). A tradução do termo é desnecessária, porque ele é perfeitamente substituído pelo pronome pessoal, já que o espectador sabe de quem Teresa e Grande estão falando. No caso de uma tradução literária, por exemplo, a escolha certamente não seria essa.

Por último, é interessante observar a estrutura usada pela menina para se despedir: *Cuidárase de los cuencanos*. Essa expressão é utilizada mais uma vez no filme por outra personagem de estrato social humilde. Certamente, trata-se de uma variação sintática para *Cuídese de los cuencanos* (pois a menina não trata Teresa de “tu”). Não achamos relevante tentar reproduzir esse desvio sintático no português.

<p><u>ESPERANZA</u></p> <p>Hostia, tienes razón.</p> <p>Lo que pasa es que... a ver cómo te explico...</p> <p>Es que estoy de viaje, de vacaciones, ¿sabes?</p> <p>Y la guía que llevo dice que esta carretera es preciosa... que se ven todos los volcanes, los pueblos y... claro, llevo la cámara de video pues había pensado grabar...</p> <p>Claro pero, si tú prefieres...</p> <p><u>TERESA</u></p> <p>No, no, fresco.</p>	<p>Você tem razão.</p> <p>Acontece que...</p> <p>Como posso explicar...</p> <p>Estou viajando, de férias.</p> <p>E o meu guia diz que esta estrada é muito linda.</p> <p>Que dá para ver todos os vulcões, os povoados e...</p> <p>Como estou com a filmadora, tinha pensado em filmar.</p> <p>-Mas se você preferir...</p> <p>-Não, tudo bem.</p>
--	---

Nessa cena é mostrado o encontro entre Esperanza e Teresa no ônibus para Cuenca. A fala de Esperanza é repleta de expressões de recheio, pois ela está tentando persuadir Teresa a lhe ceder a poltrona da janela. As expressões de recheio (*Hostia*,

equivalente ao *Chuta* dos equatorianos; *a ver*; *Es que*; a pergunta retórica *¿sabes?*) não são traduzidas, mas não são retirados os conectores pragmáticos de instrução argumentativa grifados nas legendas. Como observa Briz Gómez (2009, p. 179), eles servem para conferir força à argumentação da personagem e, no caso que nos ocupa, para anunciar ao espectador um traço característico de Esperanza: a insistência, a perseverança. Por isso, também, achamos conveniente traduzi-los, visto que isso não acarretava problemas de espaço.

Fresco ou, ainda, *frescazo* é uma gíria usada constantemente no filme pelas personagens equatorianas. Dependendo da situação (sempre no registro coloquial, mas assumindo diferentes graus de familiaridade ou informalidade), optamos por traduzi-la como “tudo bem”, “tranquilo”, ou, ainda, “maneiro”. A definição desse último termo, conforme o *Dicionário de gíria* de Serra e Gurgel, é, justamente, “tranquilo, calmo”.

<p><u>LOCUTOR RADIAL</u></p> <p>Y vamos despertándonos cuando son ya las siete de la mañana con diez minutos. A ver esa gente que todavía está pegada a las sábanas... ¡Basura! [...] Vamos mi gente, ¡levántate hermana, hermano, basura y basura! Piensa, reflexiona que este va a ser el mejor día de tu vida.</p>	<p><i>E vamos acordando. Já são 07:10h.</i></p> <p><i>Quem ainda não saiu da cama? Sacanagem!</i></p> <p>[...]</p> <p><i>Vamos lá, pessoal!</i></p> <p><i>Levante, irmã e irmão. Sacanagem!</i></p> <p><i>Pense que este será o melhor dia da sua vida.</i></p>
--	---

Durante a viagem, os passageiros do ônibus onde viajam as protagonistas de *Qué tan lejos* são acordados por esse locutor de rádio. Aqui é interessante explicar duas escolhas tradutórias. Em primeiro lugar, aparece na fala do locutor uma expressão comumente utilizada em castelhano, *Estar pegado a las sábanas*. Esta expressão não pode ser traduzida literalmente (como “estar grudado aos lençóis”), porque ela não existe em português. Por outro lado, o locutor usa uma expressão de gíria equatoriana que não consta em nenhum dicionário, mas que facilmente pelo contexto podemos deduzir que se refere às pessoas: *basura*. Além de não caber traduzi-la literalmente, optamos por usar na legenda (para não perder o tom hipercoloquial da fala do locutor) uma expressão impessoal bastante comum em português (“sacanagem”). Fizemos isso

por considerar que o espectador, desconhecendo a expressão equatoriana, poderia interpretar essa fala como agressiva (se traduzida em relação a pessoas; por exemplo, como “sacanas”), quando, na verdade, trata-se de uma expressão familiar sem intenção pejorativa.

<p><u>TERESA</u> ¿Un paro? ¿En dónde?</p> <p><u>GUADALUPE</u> Me parece que dijeron en el Cañar o en Riobamba parece que dijeron.... No puse mucha atención.</p> <p><u>TERESA</u> Chuta madre, típico.</p> <p><u>JEANNETH</u> Abuelita, tengo sed.</p> <p><u>GUADALUPE</u> Duerma mejor mijita, todavía falta largo, duérmase. [...]</p> <p><u>GUADALUPE</u> Hable mijita, hable. ¿O el ratón se le comió la lengua? [...]</p> <p>Tome mijita, tome. Pidió, ahora tome el agüita.</p> <p><u>ESPERANZA</u> ¿Qué es lo que pasa, tía?</p>	<p>Greve? Onde?</p> <p>Acho que disseram no Cañar ou...</p> <p>Em Riobamba, não prestei muita atenção.</p> <p>Mas que merda!</p> <p>Vó, estou com sede.</p> <p>Durma, minha filha, ainda falta muito, durma. [...]</p> <p>Fale, minha filha, fale. Ou o gato comeu a sua língua? [...]</p> <p>Tome, minha filha, tome. Pedi, tome a aguinha.</p> <p>[...]</p>
---	--

<p><u>TERESA</u> Que hay paro y están cerradas las carreteras.</p>	<p>O que está acontecendo?</p>
<p><u>ESPERANZA</u> ¿Y tú qué vas a hacer?</p>	<p>Há greve e as estradas estão fechadas.</p>
<p><u>TERESA</u> Voy a tratar de jalar dedo hasta ver qué pasa.</p>	<p>O que você vai fazer?</p>
<p><u>ESPERANZA</u> ¿Jalar dedo?</p>	<p>Vou tentar pedir carona para ver o que acontece.</p>
<p><u>ESPERANZA</u> Ah, hacer autostop.</p>	<p>Pedir carona?</p>
<p><u>TERESA</u> Es que yo tengo que llegar a Cuenca hoy como sea, y los buses no van a salir hasta que se levante el paro... y eso puede durar días, nunca se sabe.</p>	<p>Ah, sei, pedir boleia.</p>
<p><u>ESPERANZA</u> ¿Días? No me lo creo, vamos. ¿Si?</p>	<p>Preciso chegar a Cuenca hoje de qualquer maneira. E os ônibus não vão sair até acabar a greve.</p>
<p><u>GUADALUPE</u> Irán con cuidado guaguas.</p>	<p>Isso pode durar dias, a gente nunca sabe.</p>
<p>[...]</p>	<p>-Não acredito! -Se cuidem, meninas.</p>
<p><u>ESPERANZA</u> Oye ¿Y en qué vamos a salir de aquí?</p>	<p>[...]</p>
<p><u>TERESA</u> En el primer carro que nos pare.</p>	<p>-Como vamos sair daqui? -No primeiro carro que parar.</p>
<p><u>ESPERANZA</u></p>	

<p>¿En cualquiera cualquiera?</p> <p><u>TERESA</u> Sí, en cualquiera cualquiera, y si te vas a hacer lío...</p> <p><u>ESPERANZA</u> No, no, que yo no me hago lío, si tú dices que en cualquiera cualquiera, pues en cualquiera cualquiera, claro.</p> <p><u>ESPERANZA</u> Tristeza... ¿Y tú vives en Cuenca?</p> <p><u>TERESA</u> No, qué va...</p> <p><u>ESPERANZA</u> ¿No? Y ¿por qué tienes que llegar hoy mismo?</p> <p><u>TERESA</u> Es que... se casa un amigo...</p> <p><u>ESPERANZA</u> Ah, qué guai, ¿no?</p>	<p>-Qualquer um? -Sim, qualquer um.</p> <p>Se tiver problema com isso...</p> <p>Não, tudo bem. Se você diz que é qualquer um, ok.</p> <p>-Tristeza, você mora em Cuenca? -Não, que nada.</p> <p>Não? E por que precisa chegar hoje?</p> <p>-É que um amigo meu vai casar. -Que bom, né?</p>
---	--

Nesta conversa, travada no ônibus entre Teresa, Esperanza e uma senhora que viaja com sua neta, as estratégias de tradução continuam sendo as mesmas: omissão de repetições (como em *Me parece que dijeron [...] parece que dijeron [...]*), de algumas interjeições, vocativos e de outras expressões de recheio (como na intervenção de Esperanza, cheia delas: *No me lo creo, vamos. ¿Sí?*).

No entanto, são preservadas várias repetições da senhora quando ela fala com a neta. Isso, como no caso anterior referido de Esperanza, caracteriza o estilo de fala da

mulher, enfadonho e impaciente com a menina. Assim, foi traduzido: “Durma, minha filha, durma”; “Fale, minha, filha fale”; “Tome, minha filha, tome”.

Interessante observar também a tradução da expressão linguística *comerle el ratón la lengua a alguien* pelo correspondente em português, ficando: “O gato comeu sua língua?”.

Aqui surge um claro exemplo de diferenças diatópicas exploradas no filme. À expressão *jalar dedo*, utilizada no Equador, corresponde *hacer autostop* na Catalunha. Neste caso, optamos por usar nas legendas correspondentes a expressão mais usada no Brasil (“pedir carona”) e a expressão mais comum em Portugal (“pedir boleia”).

No que se refere à advertência que a senhora do ônibus endereça a Teresa e Esperanza, é interessante observar que no caso de tradução de legendas não é pertinente utilizar o pronome enclítico, pois não soa natural na língua falada, e nem o telespectador acharia essa tradução natural ao associá-la ao contexto do filme. A senhora usa também um regionalismo para se referir a Teresa e Esperanza: *guaguas*. Este termo pode perfeitamente ser traduzido por “meninas”. Achamos oportuno nesta ocasião manter o vocativo, porque ele denota um cuidado especial por parte da senhora e, por conseguinte, de certa forma, um comportamento social, já que elas praticamente não se conhecem. Consideramos importante deixar essa nuance registrada na tradução, porque o filme mostra permanentemente uma atitude de hostilidade das pessoas em relação a Esperanza em função da sua origem. Inclusive, minutos antes, a mesma senhora a tinha chamado de “gringa”.

No caso de *No, qué va...*, Teresa usa uma típica expressão de recheio com o objetivo de intensificar a resposta. Não consideramos inconveniente dar realce também à resposta traduzida com uma expressão similar em português, pois não havia ali problemas de espaço, podendo, então, ser mantido o recurso expressivo.

Por último, Esperanza utiliza uma expressão de gíria muito comum na região de Barcelona, *qué guai*. Traduzimos essa expressão, indistintamente, como “que bom”, ou “que legal”.

<u>ESPERANZA</u>	
Pero ¿Qué pasa? ¿Que hay problemas en Colombia?	O que está acontecendo? Há problemas na Colômbia?
<u>TERESA</u>	

<p>Sí, pero desde hace fu, man. [...]</p> <p><u>TERESA</u> Claro... No ves que... con ese pretexto de las drogas... los manes están prácticamente instalados acá.</p> <p><u>ESPERANZA</u> ¿Los colombianos?</p> <p><u>TERESA</u> No, los colombianos sería fresco... Los gringos...</p>	<p>Sim, mas faz um tempão. [...]</p> <p>É que com a desculpa das drogas, os caras se instalaram aqui.</p> <p>-Os colombianos? -Não.</p> <p>Os colombianos seria tranquilo. Os gringos.</p>
--	---

Nesse novo diálogo travado entre Esperanza e Teresa, interessa-nos resgatar a expressão de gíria *desde hace fu*. Ela não consta nos dicionários. Nesse caso, foi a Internet a ferramenta que nos auxiliou na busca do sentido (além do próprio contexto da enunciação de Teresa). Encontramos duas ocorrências dessa expressão no Google, grifadas a seguir e transcritas literalmente (sem correções ortográficas): *No nos pagan desde hace fu...* (<http://portalecuador.ec/module-Noticias-noticia-id-33443.php>. Acesso em: 11/09/09);

Que tal les cuento que estoy en Ecuador de paso y mire hoy en el hotel ya que no e visto **desde hace fu** esta novela, que Rodolfo esta preso con Alvaro, y esta enferma la hija de Óscar y tienen que hacerle una transfusión de sangre y si Óscar no es el papá le toca a Jessica decirle la verdad, mientras tanto Tatiana se va con el gato a España, lo que me conto una mucama del hotel es que el canal a editado para acabarle rapido por eso es que esta mas adelantada que Panamá con 2 días y con Colombia con 10 días bueno que disfruten esto que les cuento ya que mañana me voy a EEUU. (<http://www.caracol.com/producciones/telenovelas/vecinos/video149646-oscar-ahora-hace-de-cupido?page=3> Acesso em: 11/09/09).

<p><u>ESPERANZA</u> Tu país es muy bonito, tía... Cuando regrese quiero ir a Otavalo... es que yo flipo con ese mercado lleno colores tía... Es que los</p>	<p>O seu país é muito bonito. Quando eu voltar, quero ir a Otavalo.</p>
--	---

<p>indígenas molan, ¿verdad?</p> <p><u>TERESA</u> ¿Molan?</p> <p><u>ESPERANZA</u> Sí, molan, molan es como... que son alucinantes, ¿sabes? ¿A ti no te molan?</p>	<p>Fico louca com aquele mercado cheio de cores.</p> <p>Sou vidrada nos indígenas.</p> <p>-“Vidrada”? -Sim, vidrada.</p> <p>“Vidrada” quer dizer que acho eles fascinantes.</p> <p>Você não é vidrada neles?</p>
---	--

Aqui aparece, mais uma vez, o confronto entre duas variedades diatópicas do castelhano. Teresa não entende as gírias de Esperanza *flipar*⁶ e *molar*; então, Esperanza explica seu significado. Neste caso, era imprescindível usar expressões de gíria em português.

<p><u>TERESA</u> No, gracias, aquí estoy bien.</p> <p><u>PERIODISTA</u> ¡Pero si no mordemos, reinas!</p> <p><u>TERESA</u> Oye ¿Estás segura de que estos manes son periodistas?</p> <p><u>ESPERANZA</u> Sí, hombre, que ellos me lo han dicho. Además tienen una cara de periodistas que no veas.</p>	<p>Não, obrigada. Estou bem aqui.</p> <p>A gente não morde, princesas.</p> <p>Claro.</p> <p>Tem certeza de que esses caras são jornalistas?</p> <p>É, foi o que eles disseram. E eles têm cara de jornalistas.</p>
---	---

Nessa nova cena, dois jornalistas dão carona às protagonistas do filme. Interessamos mostrar aqui uma estratégia de compensação na tradução da legenda. A expressão

⁶ “Flipar: Esp. Coloquial. Entusiasmar [uma coisa ou pessoa] alguém.” (*VOX Diccionario de uso del español de América y España*, tradução nossa).

“Molar: Esp. Coloquial. Gostar ou ser do agrado de uma pessoa.” (*Ibidem*, tradução nossa).

de recheio de efeito intensificador *que no veas* foi traduzida pelo conector pragmático como instrução argumentativa “e” (ver Briz Gómez, 2009, p. 198).

<p><u>ESPERANZA</u> ¿Ya pasamos el Cotopaxi?... ¿Pero en qué momento, tía?</p> <p><u>TERESA</u> En el momento en que llovía.</p> <p><u>ESPERANZA</u> Joder... A mi madre le hubiera encantado. No me lo creo, tío...</p> <p><u>TERESA</u> No te hagas bolas man, hay un montón de postales de los volcanes... le puedes comprar unas a tu mamá... y así te relajas el resto del viaje.</p>	<p>Já passamos o Cotopaxi?</p> <p>Mas quando?</p> <p>Quando estava chovendo.</p> <p>Que merda.</p> <p>Minha mãe teria adorado.</p> <p>Não acredito.</p> <p>Não esquite. Há muitos cartões dos vulcões.</p> <p>Pode comprar alguns para sua mãe.</p> <p>E assim você relaxa o resto da viagem.</p>
--	---

Nesse pequeno diálogo, encontramos um claro exemplo do trabalho de síntese operado na prática da legendagem. A pergunta *¿Pero en qué momento, tía?* pode ser traduzida perfeitamente apenas por “Quando?”. Preferimos deixar o intensificador “mas” para que o espectador pudesse perceber mais claramente a angústia de Esperanza, já que não havia ali problemas de espaço.

No caso da expressão coloquial *No te hagas bolas*, optamos por utilizar na tradução uma expressão correspondente em português.

<p><u>TERESA</u> Pero ¿Por qué no quitamos el tronco y pasamos?</p>	<p>Por que não tiramos a barreira e passamos?</p>
---	---

<p><u>PERIODISTA</u> Esa man, avezada ¿no? [...]</p> <p><u>CAMARÓGRAFO</u> De gana se aceleran reinas... Por qué no nos vamos a Riobamba, nos tomamos unas cervezas y ustedes cogen un bus cuando ya se alce el paro.</p> <p><u>TERESA</u> No, fresco, que a las reinas no nos linchan.</p>	<p>Espertinha ela, né? [...]</p> <p>Por que tanta pressa, princesas? Por que não vamos a Riobamba, tomamos umas cervejas, e vocês voltam em ônibus quando terminar a greve? Não, tranquilo. As princesas não somos linchadas.</p>
---	--

Nessa conversa entre os jornalistas e Teresa e Esperanza, interessa-nos mostrar a substituição da referência (irônica) a Teresa como *esa man* pelo diminutivo na tradução do adjetivo *avezada*, que dá a mesma tonalidade irônica.

Também, a tradução de uma afirmação (*De gana se aceleran, reinas*), por uma interrogação (“Por que tanta pressa, princesas?”). Aqui é importante manter o vocativo, porque ele baliza uma característica e uma atitude dos jornalistas com respeito a Teresa e Esperanza e, por extensão, em relação às mulheres em geral. Trata-se de uma atitude de desrespeito ostensivo e de sedução vulgar. Consideramos que o vocativo “princesa” é muito mais comum em português do que “rainha”; daí a nossa escolha.

<p><u>JESÚS</u> ¿Cuál es tu apuro... algún pariente enfermo?</p> <p><u>TERESA</u> No, qué va,... lo mío es una tontera.</p> <p><u>ESPERANZA</u> Pues yo no lo encuentro ninguna tontería, tío. Lo encuentro súper fuerte.</p>	<p>Por que tanta pressa? Tem algum parente doente?</p> <p>Não, nada disso. É uma bobagem.</p> <p>Não acho que seja uma bobagem. Acho que é muito forte.</p>
---	---



<p><u>TERESA</u> Es que... tengo un amigo se casa mañana.</p> <p><u>JESÚS</u> Ah, chuta, matricídio, eso en Cuenca sí es sagrado, igual que funeral. Sobretudo si se trata de los panas.</p> <p><u>TERESA</u> Lo que pasa es que... yo no quiero llegar al matrimonio... sino a impedir que el man se case.</p> <p><u>JESÚS</u> Ah chuta, eso sí está bueno.</p> <p>[...]</p> <p><u>TERESA</u> Ah, porque... no sé, o sea, capaz que sí quiere, ¿ya? Pero los manes no tienen nada que ver. Verás: Él es biólogo, mochilero, peli largo, nada que ver con la familia que tiene, que es súper aniñada y curuchupa. En cambio la man es la típica cuencana, oji verde, que trabaja en un banco, va a misa y se pinta las uñas hasta conseguir marido.</p> <p><u>JESÚS</u> Ah, o sea que el man es más de tu onda dices vos.</p>	<p>Um amigo meu casa amanhã.</p> <p>Nossa, matricídio. Isso em Cuenca é sagrado.</p> <p>Como um funeral.</p> <p>Principalmente, quando é dos amigos.</p> <p>Acontece que... eu não quero chegar ao casamento.</p> <p>Mas impedir que o cara case.</p> <p>Nossa, isso sim é legal.</p> <p>Ah, porque, não sei, talvez queira, sei lá.</p> <p>Mas os dois não têm nada a ver.</p> <p>O cara é biólogo, mochileiro, cabeludo...</p> <p>Nada a ver com a sua família.</p> <p>Que é super pentelha e careta.</p> <p>A mina é a típica cuencana de olhos verdes, que trabalha num banco, assiste à missa e pinta as unhas até arranjar marido.</p> <p>O cara é mais da sua turma, então.</p> <p>Que é que você quer com o cara?</p>
---	---

<p><u>JESÚS</u> Pero ¿qué mismo quieres vos con el man?</p>	<p>Quero ficar com ele. Mas só ficar, nada sério.</p>
<p><u>TERESA</u> Yo quiero... estar con el man, pero en plan fresco nomás, o sea... salir con el man, viajar, estar con él.</p>	<p>Sair com ele, viajar. Ficar com ele. Transar com ele?</p>
<p><u>JESÚS</u> ¿Tirar con él?</p>	<p>Também, mas isso não é o mais importante.</p>
<p><u>TERESA</u> También, pero eso no es lo más importante.</p>	

Nessa cena, Teresa conta a Jesús, um caminhante que as protagonistas do filme encontram no caminho e que também vai para Cuenca, o motivo da sua viagem, explicando detalhes das condições do casamento de Daniel conforme a sua imaginação. O diálogo é travado em um tom altamente coloquial, cheio de expressões de gíria, servindo de ilustração pelos exemplos de tradução dessas expressões. É importante que as legendas preservem esse tom familiar da conversa.

<p><u>ESPERANZA</u> La verdad que llevo muy poquitos días, pero tenéis un país precioso.</p>	<p>Estou aqui há poucos dias, mas é um país muito lindo. É claro que é diferente andar a passeio.</p>
<p><u>ROSI</u> Claro que una cosa es andarse paseando, ¿no? Pero a todos los extranjeros les gusta... bonito dizque es el Ecuador.</p>	<p>Mas os estrangeiros todos gostam daqui. Dizem que é bonito o Ecuador.</p>
<p><u>JESUS</u> Preste el baño, niña, qué ha de hacer.</p>	<p>Me empreste o banheiro, menina, que preciso dele.</p>

Nesse trecho em que Jesús e Esperanza conversam com uma menina da pequena cidade aonde chegam, aparecem dois desvios sintáticos do espanhol do Equador que também não são refletidos nas legendas traduzidas: *bonito dizque es el Ecuador; Preste el baño, qué ha de hacer.*

<p><u>ANDRES</u> ¿Qué fue, vamos? [...]</p>	<p>Então? Vamos. [...]</p>
<p><u>ESPERANZA</u> No, yo estoy de paso solo...pero este sí...</p>	<p>Não, eu estou de passagem, mas ele tem.</p>
<p><u>ANDRES</u> Este man... me parece cara conocido, le veo... ¿Qué apellido es? [...]</p>	<p>Acho que conheço este cara. Qual é o sobrenome dele? [...]</p>
<p><u>ESPERANZA</u> Oye Andrés ¿A qué lugares crees que debo ir en Quito?</p>	<p>Que lugares acha que devo visitar em Quito?</p>
<p><u>ANDRES</u> Depende ¿Qué nomás conoces?</p>	<p>Depende. Que lugares conhece?</p>

Aqui Esperanza conversa com Andrés (um rapaz que lhe oferece carona) e apresenta a ele Jesús, que a acompanha. Ela usa um recurso comum no espanhol, que é usar o pronome demonstrativo como pronome pessoal⁷. O *este* deve ser, então, traduzido por “ele”.

Nesta cena aparecem também duas estratégias contextuais de elipse⁸ quando Andrés pergunta: *¿Qué apellido es?* e *¿Qué nomás conoces?*. No caso, na tradução da

⁷ Isto é o que Briz Gómez chama de estratégias contextuais de dêixis. No caso, tanto Andrés quanto o espectador do filme em espanhol percebem facilmente a quem está se referindo Esperanza.

⁸ Ver Briz Gómez, 2009, pp. 83 e ss.

legenda é preciso preencher as elipses a fim de que o telespectador entenda sem demora do que a referida personagem está falando.

<p><u>ESPERANZA</u></p> <p>¡Tía! ¿Qué haces aquí? Yo ya te hacía en Cuenca.</p> <p><u>TERESA</u></p> <p>Qué va, si está tenaz... no hay un solo carro que se atreva a pasar de aquí.</p>	<p>O que está fazendo aqui? Achava que já estava em Cuenca.</p> <p>Que nada. Isto aqui está barra pesada.</p> <p>Nenhum carro tem coragem de passar daqui.</p>
---	---

Neste caso, a língua portuguesa requer, para a boa compreensão da fala de Teresa, o uso do advérbio “aqui”, pois a situação apontada de uma forma vaga por Teresa (*está tenaz*) exige maior precisão em português.

<p><u>ANDRES</u></p> <p>¿Pollo? Qué fue ñañito... Aquí loco, cagado... No, no hay paso, ya no puedo llegar a Cuenca... Ciudad de a luca la tuya loco... No, no hay paso huevón... Este... no sé dónde estoy...</p> <p><u>ANDRES</u></p> <p>En Zhud. Zhud... En Llund, en Zhud, en... ¡puta lejos huevon! Con un par de peladas loco, ya sabes... sí, man. Oye ¿Qué hago?... [...]</p>	<p>Frango, e aí, carinha? Aqui, ferrado. Não, não há passagem. Não posso chegar a Cuenca. Cidade louca essa sua. Não há passagem, babaca. Não sei onde estou. Estou em Zhud. -Zhud. -Em Zhud, Zhud, porra. Longe. Com umas minas, você sabe. O que é que eu faço? [...] Certo, genial, frango.</p>
--	--

<p>Ya, brillante pollo... sí, yo te acolito...</p> <p>O sea sí es vuelción pero por la comprita yo creo que vale la pena loco...</p> <p>Yo te llevo eso...</p> <p>Ve Pollo, entonces llamarasme vos también huevón, estoy en el celular cualquier cosa...</p> <p>Ya ñaño, tope, un abrazo, chao.</p>	<p>É, eu vou com você.</p> <p>É, é uma tremenda volta, mas acho que vale a pena.</p> <p>Eu levo a comprinha.</p> <p>Ligue você também, estou no celular, certo?</p> <p>Certo, certo. Ótimo. Um abraço.</p> <p>Tchau.</p>
--	---

Nessa cena é Andrés quem fala ao telefone com seu amigo. A linguagem desta personagem é bem mais vulgar do que a usada pelas outras personagens. Frequentemente, ele usa gírias mais chulas. Na medida do possível, tentou-se traduzir algumas delas. Aparece na sua fala, também, mais um desvio sintático usado, possivelmente, pelos equatorianos: *llamarasme vos también*. Como nos casos anteriores, essa variedade sintática não foi recriada na tradução da legenda.

Algumas expressões de gíria ou regionalistas que aparecem nessa intervenção de Andrés são:

- *Ñaño*: Bolívia, Equador e Peru: Unido por amizade íntima (*Diccionario de la Real Academia Española de la Lengua*, tradução nossa).
- *De a luca*: Equador: Barato, “chimbo”. (<http://www.tubabel.com/definicion/8448-de-a-luca>. Acesso em 11/09/09, tradução nossa).
- *Pelado/a*: De uma pessoa: Pobre ou sem dinheiro (*Diccionario de la Real Academia Española de la Lengua*, tradução nossa).
- *Acolitar*: Colômbia: Acobertar ou apoiar uma pessoa para que ela faça alguma coisa pouco correta ou censurável (*VOX Diccionario de uso del español de América y España*, tradução nossa).

<p><u>ESPERANZA</u></p> <p>Y tu amigo este...</p>	<p>-E seu amigo...</p> <p>-Qual é o nome dele?</p> <p>Frango.</p>
---	---

<p><u>TERESA</u> ¿Cómo se llama?</p> <p><u>ANDRES</u> ¿El Pollo? Pollo nomás le decimos desde chico... Es que a los tíos y al papá le decían Gallos, y el man se quedó de Pollito.</p> <p>[...]</p> <p><u>ANDRES</u> Con la novia de toda la vida, como buen cuencano... con la Suquita Crespo...linda guagua, preciosa guagua... Era un bacán ese man, es, es un bacán... Farrista, vividor, loco.</p> <p>[...]</p> <p><u>ANDRES</u> Por eso no quiero llegar a Cuenca sin el regalito... La última alegría de mi pana... No más playa, no más surf, no más novias mochileras, porque eso sí, para una novia...el Pollo era el campeón... Guapo, estilo... Y ahora le toca duro a mi pana... Hacerse cargo del guagua, de los negocios del papá, manejar la hacienda... Y ahora hay que verle al hippie este... echándole químicos a las flores, ah? Al ecologista... Pero así mismo nos toca a todos algún rato, compañeros ¿sí o no?</p>	<p>Chamamos ele de “frango” desde criança.</p> <p>É que os tios e o pai dele eram chamados de “galos” e ele ficou sendo o pintinho.</p> <p>[...]</p> <p>Com a namorada de toda a vida, como todo bom cuencano.</p> <p>Com a Suquita Crespo, linda menina.</p> <p>Uma beleza.</p> <p>Era um malandro esse cara, é um malandro.</p> <p>Festeiro, boa-vida.</p> <p>Louco.</p> <p>[...]</p> <p>Por isso, não quero chegar lá sem o presentinho.</p> <p>A última alegria do meu amigo.</p> <p>Nunca mais praia, ou surf, ou namoradas mochileiras.</p> <p>Porque para arranjar namorada o Frango era campeão.</p> <p>Bonito, estiloso.</p> <p>Agora ele vai ter de encarar. Tomar conta do bebê,</p> <p>dos negócios do pai, administrar a fazenda.</p> <p>Vamos ver agora o hippie, botando químicos nas flores.</p> <p>O ecologista.</p>
--	--

<p>[...]</p> <p><u>ANDRES</u></p> <p>Qué lindo grupo este ah. Me caen del putas vean. ¡Salud!</p>	<p>Mas em algum momento chega a nossa vez, né?</p> <p>[...]</p> <p>Que lindo grupo o de vocês, gosto de vocês pra caramba.</p>
--	--

Aqui, mais uma vez, aparece o caso de um apelido (Pollo) que, para nós, deve ser traduzido, justamente em função da explicação que Andrés dá sobre a origem do apelido. Também nessa passagem aparece o substantivo/adjetivo “puta”, vedado por nosso cliente, devendo ser sempre substituído por outro termo na tradução. Nesse caso, de qualquer forma, não caberia uma tradução literal.

<p><u>ESPERANZA</u></p> <p>Hey, que yo no me quería ir sola, ¿sabes?... No sé, podías haber sido un poquito más amable... El chico nos ha traído hasta aquí, nos ha ofrecido llevarnos a Cuenca, y encima nos ha invitado cebiches! ¡Qué más quieres tía!</p> <p><u>TERESA</u></p> <p>Ve, el man apenas te vio extranjera, dijo: “Uhhh, a estita...”</p> <p><u>ESPERANZA</u></p> <p>¿A estita qué? Pero si el tío en ningún momento se ha pasado conmigo.</p> <p><u>TERESA</u></p> <p>Claro, porque no llegó el momento... Pero eso de ir a tomar cervezas en la playa estaba clarísimo.</p> <p><u>ESPERANZA</u></p>	<p>Eu não queria ir sozinha. Você podia ter sido mais gentil.</p> <p>O rapaz nos trouxe até aqui. Ofereceu carona até Cuenca.</p> <p>Ainda por cima nos ofereceu “cebiches”. Quer mais que isso?</p> <p>Assim que ele viu que você era estrangeira,</p> <p>-o cara falou: essa aí... -Essa aí o quê?</p> <p>O cara nem deu em cima.</p> <p>Porque não teve oportunidade.</p> <p>Mas aquilo de ir tomar cerveja na praia era muito claro.</p>
---	---

<p>Pues habrá estado clarísimo para ti... porque si llega a estar clarísimo para mí, me voy con él sin dudarlo.</p> <p><u>ESPERANZA</u></p> <p>¡Que no, tía, que no, que es broma! Lo que pasa es que yo ya estoy grandecita ¿no? y si hubiera querido algo con él pues lo tengo y ya está... No sé, es que tú hablas del tema como si se tratase del lobo persiguiendo a la caperucita...</p> <p>No sé, que si el pijo quiere agarrarse a la extranjera, que si el tío quiere hacer y deshacer con las niñas...</p> <p>¿Y si la loba fuese yo? Vamos, que si me dais a escoger, pues yo prefiero ser la loba... Y no la caperucita para la que tirar no es importante en la vida.</p>	<p>Deve ter ficado claro pra você, porque, se fosse comigo, eu ia com ele na hora.</p> <p>Que nada, estou brincando.</p> <p>Mas é que eu já sou grandinha.</p> <p>Se tivesse querido alguma coisa com ele, teria tido e pronto.</p> <p>Você fala disso como se fosse o lobo perseguindo a Chapeuzinho.</p> <p>Se o mauricinho quer pegar a estrangeira, se o cara quer fazer de gato e sapato as meninas...</p> <p>E se a loba fosse eu?</p> <p>Se pudesse escolher, a loba seria eu.</p> <p>E não a Chapeuzinho, que não se importa com transar.</p>
--	---

Neste trecho aparecem dois novos casos interessantes de tradução. Primeiro, o caso da palavra *cebiches*. Trata-se de um prato típico equatoriano feito com peixe. Portanto, o termo deve ser mantido no original na tradução e em itálico.

O segundo, mais uma estratégia contextual de dêixis: quando Teresa se refere a Esperanza como *estita*, mas pensando em como ela imagina que Andrés percebeu Esperanza de acordo com suas intenções. No caso da tradução para o português, além do demonstrativo “essa” é recomendável acrescentar o advérbio “aí”. Dessa forma, consegue-se um efeito de naturalidade maior.

Quanto às gírias utilizadas nesta passagem do filme, cabe ressaltar *pijo*, que, conforme o *Diccionario da Real Academia Española de la Lengua*, é um adjetivo que alude pejorativamente a uma pessoa “que nas suas vestes, modos, linguagem, etc., manifesta gostos próprios de uma classe social abastada” (tradução nossa), e “tirarse”,

que aparece por segunda vez no filme com o significado de “possuir sexualmente uma pessoa, realizar o ato sexual com ela” (*VOX Diccionario de uso del español de América y España*, tradução nossa). O dicionário *VOX* informa também que é considerado um vocábulo vulgar.

<p><u>JESUS</u> Vengo enterándome de que ya se alzó el paro... Parece que renunció el presidente.</p>	<p>Acabei de saber que terminou a greve. Parece que o presidente se demitiu.</p>
<p><u>TERESA</u> ¿Cómo que renunció el presidente?</p>	<p>-Como assim? -Foi demitido, digamos.</p>
<p><u>JESUS</u> Le renunciaron digamos...</p>	
<p><u>TERESA</u> Qué mierda, yo por andar de Morelia no me entero de nada.</p>	<p>Eu, por andar de mártir, não fico sabendo de nada.</p>

Nesta cena aparece um caso típico de referência local. A que se refere Teresa com essa expressão, *por andar de Morelia*? Só encontramos alusão a essa expressão em uma página do Google. Felizmente, o próprio autor da referência fazia uma paráfrase que nos serviu de base para a tradução⁹. A seguir, transcrevemos a ocorrência extraída da Internet literalmente, sem correções ortográficas:

Por andar de Morelia no me entero de nada” le dice Tristeza a Esperanza en la película QUE TAN LEJOS, es algo típicamente ecuatoriano!!!!!! Es que en el Ecuador tenemos una vocación de Morelios increíble, como me decía un buen amigo: “tienes vocación de mártir” es decir soy también un morelio del montón (<http://edubarahona.blogspot.com/2008/03/el-factor-morelia.html> Acceso em 11/06/09).

⁹ Não encontramos na cultura brasileira uma expressão comum que denotasse a mesma ideia. Por isso, optamos apenas por explicar a expressão de Teresa com a tradução.

<p><u>IGUANA</u> Este país no es bonito... Este país es bacán... Verás: bonito es otra cosa. Bonito es feo... No como los enlatados o esas sopas en sobres, peor esos países nórdicos que dizque allá son blancos, puros y con la mierda cuadrada... [...] Pero eso sí, somos unos berracos...</p> <p><u>ESPERANZA</u> ¡Berracos! ¿Qué es eso?</p> <p><u>TERESA</u> Bacanes, berracos es bacanes...</p>	<p>Este país não é bonito. Este país é legal.</p> <p>Bonito é outra coisa. Bonito é feio.</p> <p>Não como os enlatados ou as sopas prontas, pior é nos países nórdicos, dizem que lá são brancos, puros e com a merda quadrada. [...]</p> <p>Mas uma coisa é certa: somos todos super bacanas.</p> <p>“Bacanas”, o que é isso?</p> <p>Legais, “bacanas” é legais.</p>
---	---

Na tradução deste trecho do filme também foi feita uma escolha que cabe ressaltar. Trata-se da tradução da palavra *berracos*. Poderia ter sido deixada a palavra no espanhol diretamente e traduzir para o português, mas como no resto do filme se optou por traduzir todos os termos que no filme são tratados de forma metalinguística (todos os vocábulos ou expressões que criam dificuldades de compreensão entre as personagens por serem regionalistas), neste caso era preciso ser coerente e agir da mesma forma.

<p><u>JESÚS</u> Le tocó tomar un atajo a la abuela a fin de cuentas. Algún rato iba a venir a dar al mar.</p> <p><u>ESPERANZA</u> Hombre, si lo ves así...</p> <p><u>JESÚS</u> Siempre fue medio acelerada la man.</p>	<p>A avó acabou tendo que pegar um atalho no final.</p> <p>Algum dia ela ia acabar no mar.</p> <p>Desse ponto de vista...</p> <p>Sempre foi meio acelerada.</p>
---	---

Já neste pequeno fragmento aparecem duas expressões comuns em castelhano e que requerem certo cuidado na tradução para o português: *tocarle algo a alguien* e *algún rato*. No caso da primeira expressão, ela admite outras traduções dependendo do contexto (por exemplo, poderia ser traduzida por “ser a vez de alguém”).

<p><u>ESPERANZA</u> Tristeza, deja la manía que tienes siempre de corregirlo todo, tía, que aquí lo que importa es cantar, venga...</p>	<p>Pare com essa mania que você tem de corrigir tudo! O importante é cantar. Vamos lá.</p>
---	---

Neste caso, é interessante notar o uso que principalmente os espanhóis fazem do pronome de objeto direto depois de um infinitivo (*corregirlo todo*) para enfatizar o objeto direto explícito, duplicando-o. Certamente, isso não ocorre em português.

Por outro lado, consideramos importante traduzir a expressão de recheio que encerra o filme (*venga*), pois ela expressa claramente uma mudança nas personagens. As palavras de alento de Esperanza e a intimidade com que ela brinca com Teresa (que até o final do filme ela acredita que se chama Tristeza) mostram claramente a passagem para uma relação de amizade entre as duas. Essa é uma mudança fundamental, porque Esperanza sempre fora tratada com desconfiança e com irritação por Teresa.

Como foi possível observar em todos os exemplos selecionados, *Qué tan lejos* é um filme riquíssimo em coloquialismos e expressões de recheio da língua espanhola em duas variantes diatópicas diferentes (a falada no Equador e a utilizada em Barcelona). Poderíamos ter citado muitos exemplos mais, mas isso tornaria nosso trabalho muito cansativo para o leitor. Por isso, escolhemos casos representativos que servissem como ilustração dos diferentes problemas que um tradutor deve enfrentar em um trabalho de legendagem de um filme com essas características (muito comuns nos filmes), onde é representado o uso coloquial da língua na oralidade.

Conclusão

Gostaríamos, para concluir, de aproveitar este espaço final do artigo para refletir acerca de algumas questões atinentes à fidelidade no trabalho de legendagem.

Como sintetiza Rosemary Arrojo em *Oficina de tradução* (1986, p. 45), “toda tradução é fiel às concepções textuais e teóricas da comunidade interpretativa a que pertence o tradutor e também aos objetivos a que se propõe.” Como salienta a autora, é impossível fugirmos do nosso lugar de enunciação na hora de ler, interpretar e, por último, traduzir o texto de origem.

Dentro das referidas concepções textuais e teóricas, inclui-se a visão que o tradutor tem sobre a própria tradução. No nosso caso em particular, adotamos em geral (e especificamente no âmbito deste trabalho) a concepção de equivalência cunhada por Eugene Nida e retomada por Rodrigues (1998, p. 10) como o equivalente *natural* mais próximo da mensagem da língua-fonte. Ressaltamos o termo “natural”, porque consideramos que a naturalidade da língua-alvo deve ser visada sempre que possível. Também concordamos com Plaza (1987, p.40) quanto a que traduzir “consiste em repensar a configuração de escolhas do original, transmutando-a numa outra configuração seletiva e sintética”.

No que se refere aos objetivos do trabalho de legendagem para televisão — como no caso do trabalho apresentado aqui —, os objetivos referidos acima determinam muitas das escolhas analisadas na seção anterior. O telespectador tende a ser um espectador disperso, e, por isso, é preferível escolher soluções de tradução que resultem de fácil e rápida compreensão para ele e que não o impeçam de assistir o máximo possível ao filme (imagem). Para isso, sempre que possível, devemos tentar aproximar-nos da sua cultura. No entanto, no caso de *Qué tan lejos*, a questão da viagem e do choque cultural e linguístico é fundamental, fazendo parte da própria história do filme. E nós também concordamos com Newmark quanto a que “a tradução comunicativa é aquela que visa produzir nos leitores um efeito tão próximo quanto possível do efeito produzido sobre o leitor do original” (Barbosa, 1990, p. 49). Afinal, na legendagem, é de comunicação que se trata em primeiro lugar (ao contrário do que acontece com a tradução literária, por exemplo).

Do capítulo anterior resulta evidente que a qualidade e a quantidade expressiva da língua-fonte são perdidas em boa medida nas legendas. Mas isso não deve ser desculpa para a falta de rigor na prática da legendagem. Como foi possível observar no trabalho de análise realizado na seção anterior, as escolhas que deve fazer o tradutor de legendas cuidadoso também são muitas e importantes. Muitas vezes, a limitação de espaço e o problema da sincronicidade com o filme são usados como justificativa para a realização de traduções pobres que fazem com que o espectador perca muita informação

desnecessariamente. Certamente, nem todos os espectadores prestarão muita atenção às legendas, mas, para alguns, certos detalhes ou nuances na tradução poderão ajudá-los a perceber o filme como um mero entretenimento ou como uma obra de arte. Nesses raros casos, o tradutor esforçado se verá recompensado, para além da remuneração financeira, pelo real cumprimento de sua função de tradutor.

Referências

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**. A teoria na prática. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986.
- BARBOSA, Heloísa. **Procedimentos técnicos da tradução**. Uma nova proposta. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990.
- BRIZ GÓMEZ, Antonio. **El español coloquial en la conversación**. Barcelona: Editorial Ariel, 2009.
- CASTRO ROIG, Xosé. El traductor de películas. In: DURO, Miguel (Ed.). **La traducción para el doblaje y la subtitulación**. Madrid: Cátedra, 2001, p. 267-298.
- _____. Solo ante el subtítulo. Experiencias de un subtitulador. Introducción. **La linterna del traductor: revista de traducción**. España, nº 9, agosto 2004. Disponível em: <http://traduccion.rediris.es>. Acesso em: 02 mar 2010.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0.5a**.
- MOLINER, MARÍA. **Diccionario de uso del español**. 2ª ed. Madrid: Gredos. Versão eletrônica 2.0.
- Qué tan lejos**. Direção: Tania Hermida. Produção: Corporación Ecuador para Largo e La Zanfoña Producciones en colaboración con la Consejería de Cultura, Junta de Andalucía, España. Intérpretes: Cecilia Vallejo; Tania Martínez; Pancho Aguirre; Fausto Miño; e outros. Roteiro: Tania Hermida. Comédia/2006, DVD (91 min) NTSC, son., color., sem legendas.
- PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. Brasília: Perspectiva/CNPQ, 1987.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA DE LA LENGUA. **Diccionario de la lengua española**. 22ª Ed. Disponível em www.rae.es Acesso em: 20 mar 2010.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e diferença: uma proposta de desconstrução da noção de equivalência em Catford, Nida, Lefevere e Toury**. Campinas, 1998. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

SERRA E GURGEL, J. B. **Dicionário de gíria**. 4ª ed. Brasília: dos autores, 1990.

VIGARA TAUSTE, Ana Maria. **Aspectos del español hablado**. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1980.

VOX. Diccionario de uso del español de América y España. Versão eletrônica.